

# cuidado com as algas verdes

*falso conto policial*

Durante dezasseis anos trabalhei no Instituto Nacional do Ambiente Industrial e da Segurança Sanitária no Trabalho, sentada à mesma secretária, no mesmo gabinete, e reportando-me sempre ao mesmo chefe.

Os meus dias passavam-se a ler relatórios, conferir dados, instruir processos, dar pareceres, e pre-sumo que o fizesse bastante bem pois era raro que o meu superior hierárquico e Director do Serviço tivessem dúvidas a esclarecer antes de dar o despacho final.

Digo-o sem qualquer espécie de orgulho: ele confiava em mim mais do que nele próprio, o que perde toda a importância se tivermos em conta que não passava de um homenzinho tristonho e banal, esmagado por uma vida cheia de preocupações medíocres numa família em que achava que não era respeitado.

Eu tratava-o com deferência e evitava as conversas pessoais e aproximações escusadas para que ninguém, se fôssemos interrompidos, pudesse insinuar

que nos vira numa atitude comprometedor. Deste modo, frustrada a expectativa de eu lhe servir de console como amante ocasional, ele habituara-se a ver em mim a máquina de pensar que lhe permitia viver imerso nas suas estereis cogitações e eu, quando era admitida no seu gabinete, tinha a impressão de estar a ver uma grande ave empalhada que alguém colocara sobre a secretária e aí esquecera ao limpar o pó da estante.

Um dia chamou-me pelo telefone interior a uma hora pouco habitual. Em cima da secretária estava um jornal aberto, e não era na página desportiva.

Quando entrei, ele estava a abanar a cabeça, com os lábios contraídos num rictus de indignação, e a dar pancadas com o punho sobre uma notícia qualquer, que se percebia logo ser o motivo desta pequena rábula em que aplicara o melhor do seu talento histriônico. Perguntou-me se já estava ao corrente e eu limitei-me a acenar negativamente, pretendendo demonstrar-lhe que achava a pergunta estúpida e inútil uma vez que nem sequer sabia a que assunto se referia. Virou então o jornal ao contrário e recostou-se no assento enquanto eu corria rapidamente os olhos pelo texto.

Tratava-se da morte de um adolescente numa praia da costa atlântica (o melindre da questão obriga-me a ser evasiva quanto aos lugares e datas destas ocorrências), vitimado por um ataque cardíaco que relacionavam com a inalação de hidrogénio sulfuroso, o qual se devia à proliferação de algas verdes, por

sua vez resultante da criação intensiva de porcos que os partidos verdes têm vindo a denunciar como perigosa para a saúde da população. Três anos antes, a Associação da Luta contra as Algas Verdes cavalgara a crista da onda ao publicar uma extensa reportagem sobre a hecatombe de um rebanho de ovelhas que se tinha afundado na lama verde, atirando-se, como que num suicídio colectivo, de uma escarpa que avançava sobre a mesma praia.

Efectivamente, parece estar provado que a proliferação de algas verdes se deve ao azoto e ao fósforo provenientes dos dejectos dos porcos, usados como adubo, que se infiltram no solo e acabam no mar. Partir-se daí para concluir pelo extermínio das ovelhas devido a gaseamento tem, quanto a mim, qualquer coisa de ficção científica, sem esquecer que ovelhas são ovelhas, e assim também o entendera o lobby do porco que, no entanto, se apressara a calar o dono das ovelhas com uma choruda indemnização.

Mas agora a questão adquirira outros contornos pois estava em causa uma vida humana e o que começara como um fait-divers ameaçava tornar-se a fálha incendiária que ia desencadear um longo processo acusatório. Só faltava apontar o dedo ao Instituto que tutelava esses assuntos, como se fôssemos autores morais do crime por não termos tirado todas as consequências dos indícios que apontavam para as probabilidades de um tal desfecho.

Claro que a Associação dos Amigos do Porco ia reagir com a virulência habitual, e na batalha verbal

contra os Verdes era de prever que saíssem no mínimo empataados. Safara (nome fictício), a cidade sede do concelho com o mesmo nome a que pertence a praia tornada tristemente célebre por causa destes eventos, sobrevive economicamente (e consta que muito bem) à custa da criação de porcos, dez porcos por habitante, o que, se pensarmos na baixa demografia e reduzida área do concelho, se presta a comentários irónicos que, neste momento e neste contexto, são perfeitamente desadequados. Portanto, não custa a perceber que contra os brados indignados dos Verdes se erga a muralha de silêncio dos munícipes, habituados a um nível de prosperidade muito acima do dos concelhos vizinhos. Não esqueço o que ouvi a um funcionário do Instituto que lá foi de passeio com a família e voltou a dizer que, se não fosse ter a sua vida organizada em Lisboa, mudava-se já de armas e bagagens para aquele paraíso hospitaleiro. Quando lhe falei nos porcos interrompeu-me logo: queria lá saber dos porcos!, rodeado de porcos vivia ele em Lisboa. Ali havia bons ares, boa comida, ruas limpíssimas, paisagens repousantes, gente calma e civilizada. Ali não ouvira uma palavra contra os criadores de porcos que tinham dado empregos e riqueza à região mas em contrapartida, a propósito de qualquer assunto, havia sempre alguém a louvar o empenho e a capacidade de realização do Presidente da Câmara.

A morte do adolescente, porém, ressuscitava velhas querelas que queríamos esquecer. De repente, o meu melancólico Director transformara-se num Chefe

autoritário e pragmático que queria a todo o custo e rapidamente deslindar a mealha e ver resultados, como se fosse só escolher entre as duas versões, homicídio por negligência ou acidente, em vez de gerir com pinças um caso de contornos intrincadíssimos.

Disse-me que ia mandar alguém investigar o que se passava no local e que, passando em revista todos os funcionários dos departamentos sob a sua jurisdição, só uma pessoa lhe parecia à altura da tarefa: eu. Não duvidava de que a missão tinha os seus riscos e, sob esse prisma, um homem habituado a manejar uma arma seria a escolha mais óbvia, mas esses riscos, paradoxalmente, era a sua convicção, quase se anulavam se o agente anónimo fosse uma mulher.

Sorri interiormente da candura da lisonja que de qualquer modo vinha ao encontro do que eu pensava sobre a minha prudência e sagacidade. Na minha decisão pesou também, não nego, a curiosidade de conhecer Safara, as suas propaladas belezas naturais e não só a duvidosa riqueza que lá se respirava, e já agora o seu herói local, o Presidente da Câmara, nibado de uma fama não menos duvidosa e que tudo indicava estar no cerne da questão.

Combinámos que a minha missão não teria carácter oficial e que só poderia contar com os meus olhos e ouvidos, os quais, subentende-se, tinham de ser capazes de ver muito mais do que a face visível das coisas e ouvir muito mais do que as ondas acústicas captadas pelos ouvidos do comum dos mortais. Para não levantar suspeitas e por conveniência dos serviços,

dispunha apenas de quatro dias incluindo o fim-de-semana e pagaria as despesas do meu bolso, mas a minha disponibilidade não seria esquecida quando surgisse a hipótese de uma promoção.

Parti, portanto, para Safara, uma viagem sem história, cento e cinquenta quilómetros de auto-estrada e mais quarenta por uma estrada secundária de óptimo piso que corria em linha recta através de uma paisagem de olivedos e montados. Levava comigo duas moradas: a da casa de turismo de habitação onde reservara um quarto e que dava pelo nome de Horta das Pedras Juntas e a do Clube do Amigo do Porco, onde só entravam sócios ou amigos dos sócios, pelo que teria de travar conhecimento prévio com alguém que se propusesse levar-me nessa qualidade. Levava também um mapa detalhado da cidade e uma lista telefónica subtraída de uma estação de correios, pois continuo a achá-las um instrumento de pesquisa utilíssimo que as modernas tecnologias não conseguiram substituir.

Ceguei a Safara ao princípio da noite, precisamente à hora em que os candeeiros de iluminação pública, dispostos ao longo da extensa avenida que fora recentemente construída para dar um acesso digno à cidade, começavam a irradiar uma claridade leitosa dos seus globos brancos. Era impossível não pensar no montante exorbitante da factura energética e extrair conclusões sobre a megalomania do homem que estava há dezassete anos à frente da Câmara de Safara, mas tive de reconhecer que uma cidade que se apresenta assim escolheu fugir ao destino mesquinho

das pequenas cidades do interior e só por isso merece alguma indulgência. A avenida acabava numa rotunda projectada a uma escala grandiosa, cujo centro era ocupado por uma escultura monumental em ferro de duas figuras, um homem e uma mulher em posições vagamente acrobáticas, com aquele característico alongamento das formas, reduzidas à sua essencialidade, que fez escola desde Giacometti e já não se estranha encontrar seguidores no mundo rural.

Da rotunda partiam quatro estradas iluminadas como se fossem pistas de aterragem e uma rua ascendente que rasgava a colina onde a cidade nascera à sombra tutelar do castelo, o qual, graças aos prodígios da luminotécnica, parecia elevar-se no ar e ficar em suspenso, como uma projecção cinematográfica estranhamente fixa e sem revérbero.

A minha ideia inicial tinha sido dirigir-me directamente para a casa de turismo de habitação onde reservara alojamento mas, na altura de tomar a direcção que me afastava do perímetro urbano, uma curiosidade irreprimível fez-me voltar atrás, contornar a rotunda e subir a tal rua ascendente que me conduziria ao casco antigo, com as suas ruas centenárias e o bem conservado centro histórico que no Verão atraía tantos forasteiros à cidade. Quando já estava perto estacionei o carro numa praceta, tendo o cuidado de me certificar de que não havia nenhum sinal de proibição à vista, e pus-me a caminhar com passo determinado, para que os raros transeuntes com quem me cruzava me tomassem por uma habitante da cidade e não me

olhassem com desconfiança. Felizmente para mim, a hora favorecia o anónimo. A noite descera, fria, quase gélida, o comércio fechara as portas, quem trabalhava já regressara a casa e ainda era cedo para começar a animação nos locais de divertimento nocturnos. Encontrei facilmente a rua principal, vedada aos carros, e abrandei o passo para observar demoradamente as casas de janelas quinhentistas, algumas com portais em ogiva e insígnias heráldicas, que vêm assinaladas no roteiro de que me munira antes de partir. Fosse qual fosse a sua antiguidade estavam quase todas impecavelmente recuperadas à excepção de duas ou três, excepção tão aberrante que parecia sugerir que era intencional e se devia a qualquer coisa de irregular e errado, com a casa ou o dono, que as mantinha reféns das decisões da Câmara. Reparei também que na maior parte das casas não se viam luzes acesas no interior, sinal de que estariam desabitadas e a população se concentrava nas avenidas largas e arborizadas, perto dos hipermercados e da zona comercial, de que tivera um rápido vislumbre antes de me embrenhar no coração da cidade. Precisamente quando começava a interrogar-me sobre se a cidade antiga não seria apenas um cenário magnífico recriado para satisfazer as ambições desmedidas do Presidente da Câmara, fui surpreendida pelo som melódico de um «boa-noite» que desceu sobre mim vindo de uma dessas casas escuras e silenciosas. Olhei para cima e vi um menino dos seus oito anos a olhar para a rua de um terraço minúsculo apinhado de vasos com flores. Como não

tivesse tido resposta imediata repetiu o «boa-noite» num tom de voz cordial e cantante que faria qualquer pessoa alegrar-se intimamente e sentir-se reconciliada com o universo. Saudei-o, imitando sem querer o tom festivo, e enderecei-lhe o meu melhor sorriso, que ele deve ter visto porque o vi sorrir também. Tive, no entanto, de resistir à vontade de parar e entabular conversa, retida pelo receio de que a criança fizesse a mais simples e natural das perguntas: quem és tu?, à qual eu não poderia responder, tão certa estava de que ela sabia que naquela rua e naquela cidade eu era uma intrusa.

O receio assaltou-me de novo quando me cruzei com uma mulher de uns cinquenta anos, singularmente bem vestida e bem penteada, que fez gala de ignorar-me para logo a seguir virar a cabeça e cravar o olhar nas minhas costas. (Não me perguntem como soube, aliás é uma intuição comum a muita gente mas que em mim se desenvolveu como um sexto sentido.) Continuando a andar na direcção do centro fui dar a uma praça que me fez lembrar cidades italianas visitadas em sonhos, pois a verdade é que nunca se me proporcionou a ocasião de sair do meu país. Num dos topos a igreja matriz, assente num plano sobrelevado, com o seu escadório ladeado de renques de pilastras. No lado oposto um imponente palácio oitocentista onde funcionavam os serviços da Câmara e onde não era difícil imaginar o senhor da cidade, contemplando do seu gabinete a obra feita e congeminando na que estava por fazer. Um precioso chafariz e

um tanque com um gracioso grupo de anjinhos bochechudos que projectavam das bocas repuxos de água que mais acima se convertia em trémula neblina, colocados em posições assimétricas em relação ao centro da praça, transmitiam um frémito de beleza a que não podia ficar insensível a mente mais embrutecida e vulgar. Como se não bastasse, a praça era fechada a toda a volta por um anel de edifícios de traça antiga, alguns deles brasonados, que deviam ter sido residências afdalgadas dos maiores proprietários da região e que, depois de restaurados, albergavam agora aqueles legados culturais, só aparentemente fúteis, que hoje se reconhece serem parte integrante da própria Memória e História dos lugares. Lá estavam o Museu do Vinho, o Museu do Relógio, o Museu da Bolota (denominação que tinha sido preferida à mais trivial de Museu do Porco), mas não faltavam também a Biblioteca Municipal, com o seu Centro Multimédia, o Teatro Laertes e, denunciado pelos compassos repetidos e hesitantes de uma peça para piano tocada por um aprendiz, o Conservatório de Música Erudita e Popular. A ausência do elemento humano, que criava uma atmosfera única de secretismo e intimidade, insinuava também uma ténue nota de desconforto, e foi com algum alívio que vi numa das esquinas da praça o que me pareceu um café de amplas montras envidraçadas que projectavam na calçada dois grandes rectângulos de luz. Aproximei-me com a intenção de descansar uns minutos e beber um chá quente mas no último instante faltou-me a coragem e

parei diante da porta giratória a olhar para o interior, lutando contra um sentimento de indecisão que finalmente deixei que se prolongasse tempo demais, até sentir que, se queria ser coerente, tinha de aceitar que perdera a oportunidade de entrar. Do ângulo em que estava só conseguia ver uns cinco ou seis homens de costas, sentados nos bancos diante do balcão, ou antes, as suas possantes omoplatas acentuadas pelo corte quadrado dos casacões de pele de ovelha que são o abafo masculino tradicional nestas terras de extremadas temperaturas, que se diria adormecidos não fosse o copo que a espaços levavam à boca e esvaziavam lentamente sob o olhar impassível do extático empregado que segurava uma garrafa em cada mão à espera de os servir. Tão absorvida estava a olhar para o grupo e a imaginar qual teria sido a sua reacção se eu tivesse entrado e ocupado uma das mesas, que não pude evitar um sobressalto ao ser interpelada por um homem com um fato escuro e camisa branca, que de repente se postou ao meu lado e abriu para mim uma boca de dentes de vampiro prateados pelo néon do anúncio luminoso que dizia Com Tradição: a senhora procura um restaurante para jantar?

Perante a minha negativa, acompanhada do sorriso tímido e esquivo que uso para me pôr a salvo de insolências, ele entregou-me acto contínuo uma tira de papel onde estava impresso em caracteres Arial Black: «Restaurante Origem Profunda. Aberto até às 24 horas. Você tem que o conhecer.» Agradei e fiz questão de abrir a carteira e guardar a folha no lugar

reservado a documentos, dando tempo ao homem de se afastar em busca de outros potenciais clientes.

Estava novamente sozinha na praça deserta mas as exigências do corpo começavam a sobrepor-se aos refinamentos do espírito e pus-me a desejar ardentemente o conforto do hotel, a cama quente, a comida e a bebida. Confiante no meu sentido de orientação, apressei-me a fazer o percurso até ao carro, cortando em diagonal sempre que podia. Dali até à Horta das Pedras Juntas contei sete quilómetros, os três últimos a rodar por uma estrada secundária em pleno campo, atravessando um deserto de breu onde só me fazia companhia o ruído do motor, pelo que o alarido dos cães, quando passei sob o arco de tijolo que assinalava a entrada da propriedade, me pareceu um acolhimento caloroso. Parei o carro e vi, na semiobscuridade envolvente, uma correnteza de casinhas de um só piso, cada uma com uma única janela e uma porta de postigo protegida das intempéries por um pequeno alpendre inclinado, sobre o qual um lanternim, no seu casulo de ferro gradeado, derramava uma luz frouxa. A última das casas encostava-se a uma casa grande, projectada com os mesmos elementos mas em escala maior, a típica moradia rural de gente abastada. A porta da casa grande abriu-se e saiu um homem baixo e forte, com um casaco de lã grosseira sobre a camisa abotoada até acima. Deu-me as boas-vindas e indicou-me um canto do terreiro onde podia estacionar o carro. Não tive dúvida de que era o meu hospedeiro em pessoa a receber-me e a informal-

dade da recepção pareceu-me de bom augúrio para os meus intentos. Pegou na minha mala e encaminhou-se para uma das pequenas casas, abriu a porta, pousou a mala na entrada, entregou-me a chave e despediu-se dizendo que o jantar estava quase pronto e entretanto podia aproveitar para ligar o aquecimento e ver se havia alguma falta que ele pudesse resolver. Efectivamente a atmosfera da casa era mais fria do que o ar da rua, como se o frio tivesse procurado refúgio dentro de quatro paredes, e na casa de banho, em vez do kit habitual de artigos de toilette, só encontrei uma amostra de sabonete, mas o meu sentido prático fez-me simpatizar imediatamente com a pequenez e simplicidade do alojamento e, não tendo mais nada a fazer, depois de ligar o aquecedor e ver que funcionava, não demorei a sair da casa e ir bater à porta do meu hospedeiro. Do hall de entrada passei para uma sala extremamente acolhedora, aliás um salão em termos de área, embora todos os móveis tivessem um aspecto rústico e usado. Como é usual em hotelaria, o mobiliário estava disposto em pequenos núcleos, de maneira a formar vários espaços agradáveis. No mais vasto, junto à lareira, estava uma mulher, que só podia ser a esposa do meu hospedeiro, sentada num sofá a tricotar uma peça de lã, e tão bem agasalhada e enroscada que nem fez menção de mudar de posição, limitando-se a dirigir-me uma olhadela amigável por cima dos óculos. Mal eu tinha tido tempo de estender as mãos para a lareira e debitar os lugares comuns obrigatórios em tais circunstâncias, o marido

voltou à sala e anunciou que o jantar estava pronto, convidando-me com um gesto a segui-lo. Pelo caminho explicou-me que, por ser eu naquele momento a única hóspede, iria ser servida na salinha onde ele e a família tomavam habitualmente as refeições e, antecipando alguma pergunta que eu pudesse fazer, acrescentou que ele e a mulher, ambos com excesso de peso, substituíam o jantar por uma refeição ligeira ao princípio da tarde, e a filha, engripada, deitara-se cedo, mas que no dia seguinte esperava que já pudesse fazer-me companhia.

Confesso que senti algum mal-estar ao ser servido pelo dono da casa e perceber que aqueles pratos tinham sido descongelados exclusivamente em minha intenção, mas mesmo assim não perdi de vista o objectivo que me levava até ali e, entre repetidos louvores à excelência da comida, lá fui recolhendo alguns dados que para já não passavam de material em bruto mas poderiam vir a ser úteis à investigação. Por exemplo, parecia um pouco estranho que ele, a mulher e a filha tivessem vindo três anos antes passar umas férias em Safara e logo fossem convidados pelo Presidente da Câmara a tomar conta daquela unidade de turismo abandonada e decadente que, pelo que eu podia ver, continuava a não atrair hóspedes e se convertera numa residência familiar em sentido estrito, a dos seus moradores. É certo que estávamos no Outono, mas como podia eu acreditar na afluência de turistas no Verão se não havia empregados e sozinho ele dava conta do recado com a ajuda da mulher e da

filha que naquele momento estava a fazer um estágio remunerado no Arquivo Municipal? Sobre mim falei o menos possível, insistindo sobretudo no sedentismo da minha profissão (era tradutora), que tornava aqueles passeios de fim-de-semana tão aliciantes.

Depois do jantar demorei-me ainda algum tempo na sala a ver os folhetos e brochuras postos à disposição dos clientes, para que ele não duvidasse de que o meu interesse pelo património cultural da cidade era genuíno. Tencionava dedicar o dia seguinte a visitar os monumentos mais notáveis da cidade e arredores, como não poderia deixar de fazer qualquer visitante minimamente interessado, e a verdade é que cumpri à risca o programa sem um minuto de cansaço ou aborrecimento. Safara, forçoso é que o diga, reúne em si tantos atractivos que só quem lá nasceu pode conviver em paz com a sua beleza. Os outros, ou nem sabem a sorte de não a ter conhecido ou têm de carregar o peso de se sentirem amantes frustrados o resto da vida. Ao dizer isto não esqueço o problema da contaminação das algas nem me passa pela cabeça absolver o infractor, estou apenas a colocar-me num plano puramente abstracto e a tentar imaginar o paraíso que podia ser a existência numa sociedade ideal.

Regressei ao hotel descontente comigo mesma, com a sensação de me estar a desviar do caminho certo, embora tivesse feito exactamente o que tinha de ser feito, e decidida a arrancar ao meu hóspedeiro, quando lhe contasse em ditirambos exaltados

as minhas descobertas, a promessa de me arranjar um salvo-conduto para ser admitida no Clube dos Amigos do Porco no dia seguinte, o primeiro sábado do mês, escolhido para a festa mensal. A sorte ajudou-me, fazendo com que a filha, curada da gripe, se sentasse a jantar comigo e descobrisse em mim uma aliada inesperada contra o ultra-proteccionismo a que a sujeitavam os pais. Foi uma noite difícil, em que andei aos tropeções, sentindo-me a pisar chão resvaladiço, enquanto tentava fazer a ponte entre as duas gerações sem pender demasiadamente para um dos lados. Salete tinha dezanove anos e queria tirar a carta de condução. Os pais, antevendo exigências e aborrecimentos, adiavam. A conversa acabou com Salete a propor-me ir com ela à festa do Clube, poupando aos pais o incómodo de a ir levar e buscar uma vez que iríamos no meu automóvel. Antes de aceitar tive a delicadeza de mostrar alguma hesitação e interrogar o casal com o olhar e só dei o sim definitivo quando uniram as vozes para me incitar a ir, «pois se ainda era tão jovem...».

Passei o dia seguinte sentada à beira da piscina, a ler e a apanhar sol, aproveitando o tempo singu-larmente ameno. À tarde dediquei também bastante tempo a arranjar-me e, à falta de um espelho em condições, medi o resultado dos meus esforços pelo ar de desagradável surpresa que vi estampado no rosto de Salete quando lhe apareci. Pelo meu lado não lhe regateei elogios nem tentei fazê-la mudar de ideias quando, ao deixarmos para trás a Horta das Pedras

Juntas, me declarou que não estava com disposição para ir à festa do Clube, que marcara encontro com o namorado e que eu não ia ter nenhuma dificuldade, com as suas indicações, em me orientar. Tirou do bolso um cordão preto com um pendente a imitar um pequeno azulejo, que eu me lembrava de ter visto entre as quinquilharias vendidas no Museu Arqueológico, e enfiou-mo pela cabeça. Era a senha de identificação. Limitei-me a dizer que devia ter uma conversa com a mãe e chegar a um acordo sobre os seus direitos e deveres, enfim, conversa fiada que mostraria isenção e distanciamento se o meu nome viesse a ser envolvido nas discussões familiares. Que não valia a pena falar com a mãe, disse, que ficara perturbada da cabeça desde que a irmãzinha morreu em dois dias, sem que se pudesse fazer nada para a salvar. Crivei-a de perguntas, justificadas pelo espanto e a consternação perante desgraça tamanha, mas pouco mais adiantou senão que tinham vindo passar férias a Safara e menos de uma semana depois acontecerá aquilo. Impossível arrancar-lhe pormenores, via-se que ficara amarrada a uma promessa, a de não falar, e que tencionava cumpri-la. Se não parecesse cruel, eu diria mesmo que, ultrapassada a dor pela morte da irmã, só recordava o triste acontecimento como a data fatídica e o ponto de viragem a partir do qual a mãe se tornara um peso e um obstáculo na sua vida.

Despedimo-nos à beira da estrada e dois quilómetros depois, já em pleno campo, reconheci a antiga

coudelaria cedida pela Câmara para instalar condignamente o Clube. Entrava-se por um corredor de tecto abobadado e lajes gastas onde, com alguma boa vontade, ainda era possível ouvir o ressoar do trote de imaginários cavalos, e caía-se na realidade prosaica de uma divisão de pequenas dimensões e tecto baixo, espécie de posto fronteiriço de vigilância, em que não faltava o inevitável balcão das bebidas de um lado e algumas talhas de azeite a servir de mesas, para descanso e entretenimento dos funcionários de serviço. Cinco ou seis homens, de pé ou sentados, entretinham-se numa conversa pachorrenta e mal olharam para mim quando passei por eles, mas os casacos de pele de ovelha, a compleição acima da média, as grandes cabeças tosquoadas, lembravam tanto os frequentadores do Com Tradição que não tive dúvida nenhuma de que eram os mesmos e, se não fosse a rapidez com que os acontecimentos se desencadeavam, teria encontrado matéria para reflectir. Depois de passar por um outro corredor e mais uma porta vi-me repentinamente num salão de restaurante bem iluminado, com a atmosfera quente e trespassada de bons odores e animado pelo burburinho comedido das vozes e o tilintar de vidros e metais característicos das festas ainda no começo. Como ainda havia várias mesas vagas escolhi uma das mais pequenas e afastadas do centro e sentei-me de costas para a parede de forma a abarcar com a vista a sala e o maior número possível de pessoas sem que se pudesse dizer que estava a olhar para alguém em particular. Não tardei, porém,

a reparar que se passava exactamente o contrário, ou seja, eu é que era alvo da atenção geral, e se alguns se davam ao trabalho de dissimular outros interrogavam-me com os olhos abertamente. Levei a mão ao pescoço para ter a certeza de que o pendente ainda lá estava e, tranquilizada sob esse aspecto, a minha inquietação recrudescceu. De repente ocorreu-me que a razão só podia ser o facto de eu ser a única mulher sozinha num dia em que essa circunstância se prestava a interpretações pouco lisonjeiras. Felizmente que a expectativa e o mal-estar não duraram muito. Um empregado fardado, com ares de mordomo, abeirou-se respeitosa e da minha mesa para me informar que a mesa das senhoras era mais ao fundo do salão, apontando um lugar semiescondido atrás de umas colunas. Levantei-me prontamente, maldizendo Salette que não me informara que em Safara ainda se cultivava o hábito provinciano das ladies nights ou algo similar, pois não faltavam homens entre os comensais, embora, por menor que só registei naquele momento, as mulheres que eu via, com raras excepções, já tivessem ultrapassado a idade em que ainda é possível disfarçar as rugas. Encontrei-me assim diante de uma mesa preparada com baixela de dia de festa e uma profusão de arranjos florais, ocupada exclusivamente por mulheres (contei vinte quando tive tempo para contá-las), que me acolheram com sorrisos rasgados e mantiveram as cabeças viradas para mim enquanto me instalava numa das extremidades da mesa, num lugar vago que parecia estar à minha espera, e logo

voltaram a falar entre si naquele registo de vivacidade efervescente, tipicamente feminino, que faz pensar numa leve bebedeira com espuma de champanhe. Pude assim observá-las tranquilamente e concluir que devia estar perante a fina flor da safra de Safara em matéria de mulheres, tanto no que dizia respeito aos dotes físicos como às capacidades intelectuais pois, pelo que ouvia, todas elas tinham cursos médios ou superiores e profissões na administração camarária ou no ensino, quando não geriam o seu próprio negócio na área da estética ou da moda, o que explicava aquele à vontade nos modos que dá a independência financeira. A maior parte delas tinha uma aliança no dedo mas, solteiras ou casadas, sentia-se um espírito de competição que as galvanizava e transcendia, como se posto ao serviço de uma causa nobre. Em comum tinham os cabelos compridos e negros e o tom muito moreno da pele mas mesmo aqui verificavam-se todas as variantes permitidas pela imaginação e o bom gosto, do negro-negro ao negro azulado ou avermelhado ou a dar para o violáceo do cabelo, enquanto, pelo seu lado, os pós, os cremes, os subtritos retiques a pincel numa paleta variegada de cores, bronzeavam, embranqueciam, acendiam resplendores de fogueira nas faces de contornos perfeitos. Reparei também que as unhas pontiagudas eram obrigatórias mas havia total liberdade na escolha das cores embora predominasse o azul-escuro e o vermelho, o que me fez pousar as mãos na beira da mesa e adoptar a curvatura de dedos de quem toca piano como se

fosse a minha própria maneira de estar à mesa, enquanto elas não paravam de brincar com os compridos colares de contas para que se pudesse apreciar o esplêndido trabalho de manicure. Abandonada a mim própria, fingi-me entretida a observar o vasto tecto em abóbada caiada, do qual pendiam, suspensos por correntes, candeiros feitos de rodas de carros de bois e engrinaldados de lâmpadas que se balançavam lentamente como gigantescos aranhões presos por um fio à teia, contente por não estar por baixo do seu centro de gravidade. Tive tempo de sobra, também, para apreciar a decoração das paredes, em que os quadros a óleo com motivos paisagísticos da região e da fauna campestre alternavam com a exposição de alfaias agrícolas, sem chegar a uma conclusão sobre o valor estético do conjunto a não ser a de que dificilmente com os mesmos recursos se faria mais e melhor. Um alvoroço súbito à volta da mesa e eis-me a participar da excitação geral, por um curioso efeito de mimetismo. Mesmo ao meu lado, um homem, vestido de escuro, curvou-se sobre a mesa, apoiou as manípulas na toalha e cumprimentou de moradamente as senhoras, brindando-as, uma após outra, com uma palavra amigável e um gesto conivente. Era um homem feio, sem nenhuma feição agradável, no auge da força física, ainda com um certo ar de rapaz e já a caminhar para a meia-idade. Usava um fato cinzento-escuro e gravata berrante sobre a camisa negra mas a formalidade do traje era desmentida pelo ar desleixado do rosto propositadamente mal

barbeado, com um bigode fino de pêlos emaranhados sobre o lábio superior, um leque ridículo de pêlos rígidos em posição invertida sob o lábio inferior e tufos de cabelo invadindo as faces e prolongando-se em linhas onduladas à frente das orelhas. Talvez julgasse que assim distraía o olhar do nariz torto, com uma pequena cicatriz na ponta, e escondia a fenda arrepanhada da boca onde assomavam os dentes aguçados e rebrilhantes de muco, forçando a atenção a concentrar-se na testa alta e boleada, iluminada por dois luzeiros negros debruados a bistre que falavam de noites mal dormidas, esforço, vício e uma vontade tenaz. No conjunto, porém, tenho de reconhecer que a sua fealdade tinha qualquer coisa de exótico e picante, que lhe vinha, segundo me disseram, de uma costela zângara. Dito isto, não posso negar que se encaixava perfeitamente no perfil do Presidente da Câmara de Safara, tal como eu o tinha imaginado a partir dos dados dispersos que recolhera mas sobretudo da minha intuição. Sentou-se numa das cadeiras livres e ali ficou um bom quarto de hora a fazer rir as ladies com trivialidades tão absurdas que eu mordida os lábios com vontade de o mandar calar. O bumerangue das perguntas e respostas, o tom desenfadado, os gracejos no limite da impertinência e que não distinguiam ninguém em especial, davam a medida do seu sucesso junto daquelas mulheres que não queriam mais do que espanejar-se uma vez por mês em homenagem ao macho que as tratava como corifeus da sua corte sem pôr em risco o seu estatuto de filhas-família e esposas

fiéis. A mim perguntara-me se estava a gostar de Safara, deixara-me falar sem me interromper e sem desviar de mim os olhos imóveis enquanto a boca sorria inexpressivamente, e no fim rematara com um surpreendente e lacónico «muito bem» que me soou como a voz de um professor ao avaliar o exame de uma aluna.

Durante o resto do jantar fiz várias tentativas para trocar impressões com as minhas vizinhas de mesa, com pouco êxito, não porque parecessem alinhar qualquer tipo de má vontade mas porque, estando eu de passagem, deviam achar que não valia a pena dar-me falsas ideias sobre coisas que eu não podia perceber. Ao ouvi-las falar do baile, quando já nos soavam aos ouvidos notas desgarradas de uma guitarra e doutros instrumentos, disse que ficaria a ver uma vez que não vinha acompanhada, mas elas declararam com alguma frieza, como se fosse uma benesse imrecida, que em Safara o costume era todos dançarem com todos e que o Presidente da Câmara se encarrugava pessoalmente de que nenhuma senhora ficasse sem par.

O salão de baile era ainda maior do que o restante embora com as mesmas características: tecto em abóbada e cúpulas que delimitavam uma espécie de naves, deixando livre o centro para a enorme pista de dança. As mesas eram de madeira em bruto a dar o tom rústico, mas pequenas, redondas, rodeadas de cadeiras estofadas de cores claras, e a iluminação cruzava vários focos de intensidades diferentes que, no limite, nos faziam piscar os olhos como sob o sol

do meio-dia ou orientarmo-nos pelo tacto na quase escuridão. A orquestra, numa bancada a que se accedia por três degraus, compunha-se de três músicos que tocavam guitarra, baixo e bateria, e um vocalista de melena e calças apertadas à Elvis. Perguntei quem eram e disseram-me que eram gente da terra, formados no Conservatório local e já com discos editados, tão bons ou melhores do que a maioria dos músicos de pop rock que inundam os mercados, como eu ia poder constatar. Além disso Safara orgulhava-se de ter um coro com vozes excelentes e entre a assistência havia pessoas que cantavam muito bem, pelo que mesmo durante o descanso dos músicos a festa prosseguia sem quebra de ritmo até o Presidente empunhar o microfone e cantar uma balada que anunciava que a festa chegara ao fim e era altura de dispersar. Tinha uma voz linda, confidenciou-me uma rapariga que a bebida tornara mais loquaz, e as letras da sua autoria punham toda a gente louca, a gritar a plenos pulmões, sem se saber bem porquê.

A verdade é que, sendo um poeta menor, tão menor que acredito que os nossos poetas encartados se sentissem ofendidos por partilhar com ele a designação, havia na sua poesia um lirismo sóbrio e por vezes um tom arruaceiro, eminentemente popular, que não me admira que tivesse conquistado a adesão dos seus conterrâneos, sem excepção de sexo ou idade. Era vê-los a dançar ao som de «Que coisa é o amor, pergunta-o ao vento, que lança o seu lamento, sobre as ondas do mar...» e o ritmo frenético dos bai-

larios mais jovens quando ele lançava o seu desafio do palco, bem direito e de mãos nas ancas, com arcos de fibusteiro: «Sou o rei da cantina, sou o vampiro da vinha, sou pastor e sou boémio e tenho a cabeça a prémio...»

Eu ainda tentei marcar as distâncias mas em breve desisti e comecei a aceitar automaticamente qual-quer homem que se recortasse no meu campo de visão e a deixar-me arrastar sem opor resistência para as danças de roda, debatendo-me entre pensamentos tão antagónicos como «Que diria o meu chefe...» e «Esta gente sabe tirar partido do que há de bom na vida», neutralizados pela certeza de que não tinha alternativa se não queria dar nas vistas, já não digo captar a simpatia geral.

Não esperava é que o prémio chegasse tão cedo. Ele, o Presidente da Câmara, depois de me ter concedido a honra de uma dança, veio buscar-me segunda e terceira vez, quando já não se podia falar de um dever de cortesia. Na primeira tentara, sem êxito, pôr-me a falar, a velha tática de que pela boca morre o peixe. Na segunda apostara na adulação e perdera. Safara orgulhava-se das suas lindas mulheres, disse, e eu vinha acrescentar mais uma ao rol, com a vantagem de introduzir uma ponta de exotismo. (Neste caso o exotismo era ter o cabelo claro e encaracolado e uma pele que, de tão branca em comparação com as delas, parecia pálida e doentia). E então, na terceira vez que me veio buscar, começaram as revelações. E que revelações! O menino que me dera as boas-noites era

seu filho e fora a correr contar-lhe de uma senhora muito bonita que andava a passear sozinha e a ver as casas. E o solícito empregado do seu restaurante, o Origem Profunda, era ele mesmo, prevenido pelos seus homens de confiança, os que eu vira ao balcão do Com Tradição, de que andava por ali uma jovem que talvez quisesse conhecê-lo. Ainda tivera esperanças de que não resistisse ao convite para provar umas especialidades suínas mas não insistira ao perceber que eu era mais do tipo intelectual. Como o demostavam aliás as visitas que fizera ao castelo, à ermida da Senhora da Pena e aos museus. E, a confirmar um perfil de sucesso, conseguia ser simpática e entrar no coração das pessoas. Salete, um caso difícil que ele tratava com muito cuidado, ficara minha amiga. Era ver a facilidade com que me emprestara o seu berloque, embora, para ser franco, achasse que eu merecia ornamentar o altar com jóia mais vistosa. E, ao dizer isto, voltejava pelo salão, multiplicando os requebros com que gostava de parodiar os passos de dança, ao mesmo tempo que me apertava contra si mais do que o pudor e o bom gosto aconselhariam, a coberto da esbatida claridade de aurora boreal criada por dois feixes de luz rosada que, muito a propósito, varriam o espaço junto ao solo deixando na sombra os corpos reduzidos a vagas silhuetas sem rosto.

Se ele pensava que o efeito de surpresa me ia deixar paralisada e incapaz de encontrar as respostas adequadas, enganara-se redondamente. No fundo acho que já estava à espera de algo semelhante e foi até com

algum sentimento de triunfo que confirmei que não me tinha enganado acerca da nebulosa de complicações que se formara em redor de Safara e do seu destino. Portanto, acompanhei-o sem dar parte de fracasso até ao fim da dança, fingindo não sentir o seu entusiasmo crescente e procurando opor-lhe a voz da inocência e da razão. Era bom saber que, enquanto os municípios dormiam ou se refugiavam no conforto do lar, o seu Presidente pensava continuamente na maneira de tornar a cidade mais segura, agradável e hospitaleira. Ordem, calma, paz! No meu passeio nocturno no dia da chegada, não vira nenhum agente da autoridade, nenhum vulto suspeito, nenhum pedinte, nenhum pobre aleijado ou simplesmente andrajoso, não me cruzara com nenhum exemplar daquela gente a quem não faltou o pão nem a instrução básica e mesmo assim não sabe comportar-se em público sem contaminar o ar com o eco dos seus disparates. Percebia agora que não era por acaso e queria agradecer-lhe, não só por isso mas por tudo o resto. A verdade é que soubera fazer de uma bela e vetusta cidade, que dormia à sombra das suas divícias arquitectónicas, uma pequena metrópole auto-suficiente, em que o moderno e o antigo contribuíam harmoniosamente para uma vivência exemplar. Riu-se e deu-me os parabéns por ter lido com proveito o roteiro editado pela Câmara mas acho que no fundo ficou lisonjeado e acreditou na sinceridade das minhas palavras, o que não era difícil pois, até certo ponto, eu acreditava no que estava a dizer. «Você não foi a primeira nem será a última

pessoa que se apaixonou por esta cidade. Felizmente que, como sempre acontece com as grandes paixões, tem a vantagem de durar pouco. Isto não é propriamente a terra prometida e eu preocupo-me em não criar ilusões às pessoas que se sintam tentadas a mudar para cá. Sei que não é o seu caso mas também sei que é tradutora e uma tradutora pode trabalhar em qualquer lado.» Garanti-lhe que não estava a pensar nisso, aliás as minhas curtas férias estavam a chegar ao fim, e depois não sei que demónio me impeliu a acrescentar, «mas não partirei sem ver as praias que me dizem que são das mais pitorescas do litoral». Nesse momento as luzes reacenderam-se, a música parou, os pares dispersaram-se e eu aproveitei a confusão para voltar para o meu canto e esperar pelo momento propício para uma retirada estratégica, pois já não via razões para continuar ali. O meu pensamento centrava-se agora, obsessivamente, na visita às praias e só queria que a noite acabasse depressa para ao nascer do novo dia me pôr a caminho. É certo que uma das razões da minha viagem fora ver com os meus próprios olhos a praia contaminada, estranho seria que um investigador se abstinisse de visitar o local do crime, mas, depois de ter declarado o meu propósito ao Presidente da Câmara, esta diligência aparecia-me não só indispensável mas de uma urgência premente, como se ele, com a sua astúcia e a sua rede de contactos, tivesse poderes para frustrar as minhas intenções.

O mapa de que me munira no posto de turismo não sinalizava nenhuma praia no concelho, precau-

ção inútil pois, logo que terminava a estrada de alcatrão e começava o carreiro areento entre campos rasos, percebia-se que a costa estava perto e que aquela nudez desértica, sendo natural, tinha qualquer coisa de premeditado. O carreiro sumiu-se na terra e eu tive de deixar o carro e fazer o resto do caminho a pé. Não se podia dizer que o acesso às praias estivesse interdito ou dificultado. Um exercício de paciência no meio do nada era o único obstáculo que os visitantes tinham de vencer até se aproximarem da linha da costa e depois bastava descobrir a entrada do caminho que descia em linha sinuosa até ao areal. E vi então as algas, em manchas compactas e escuras, flutuando à superfície da água e formando uma enorme planície negra que se estendia até onde a vista podia alcançar. Era como se o mar ali fosse pasto de monstros desconformes, que avançavam e recuavam enrolando-se nas suas patas movediças, e que ao morrer se arrojariam para a praia onde ficariam a liquefazer-se e a espalhar o fedor da putrefacção. Espantava, pelo contraste, a praia de areia branca e finíssima, que se crispava em ondulações suaves à passagem do vento, e que nenhum destroço, nenhum tufo de ervas, nenhum sinal de presença humana, maculava. Sentei-me com a cara virada para o sol e saboreei o prazer intenso de me sentir inundada de luz e calor enquanto enchia os pulmões com o ar forte e iodado e ouvia os gritos das gaivotas e dos corvos marinhos. Tão bem me sentia que, quando consegui acordar do torpor em que mergulhara, o sol começara a descair para poente e uma

te muitos anos uma casa de cantoneiros e ele estava a pensar transformá-la numa residência de artistas ou cedê-la a quem quisesse refugiar-se ali para produzir algum trabalho de interesse para a comunidade. Não se excluíam tradutores, claro, acrescentou, rindo-se do seu dito espirituoso. Achei a ideia interessante e, depois de percorrer a casa e espreitar de cada janela a paisagem circundante, encorajei-o vivamente a avançar com o projecto, pois para aqueles fins era um sítio de eleição. Pediu-me que olhasse à volta e imaginasse o que gostaria de encontrar ali. Era um hábito seu, auscultar as opiniões das pessoas comuns antes de ouvir o parecer dos técnicos. Levei o pedido a sério e pensei no que faria daquela casa se fosse minha. A traça era de uma simplicidade desarmante, quatro divisões em cruz, duas janelas em cada divisão, todas debruçadas sobre o leito do rio que ali corria apressadamente, com os veios de água atropelando-se e formando redemoinhos, e uma escada suspensa que fazia a ligação até ao nível da ponte. Tomei nota mentalmente das sugestões que me ocorriam, já a pensar passá-las para uma folha de papel: ali a lareira, um mezanino na sala para rentabilizar o espaço, um vão amplo rasgado na parede virada a sul, até que de súbito me aflorou o cérebro um pensamento fugidivo e evanescente: e se ele... e se a casa... e se o convi-te... Não cheguei no entanto a tomar consciência de nada porque sofri de repente como que um bloqueio mental e deixei de saber o que é que estava a fazer ali. A minha memória fugia-me e recuava até um ponto

ponto de tristeza insinuara-se no ar transido. Ao consultar as horas vi que já era tarde e levantei-me apressadamente para partir, mas do alto das arribas ainda lancei um último olhar sobre a imensidão do mar e admirei-me de ter ficado tanto tempo naquele lugar belo e perverso.

De regresso à Horta das Pedras Juntas tive a surpresa de encontrar um bilhete metido por baixo da minha porta. O Presidente da Câmara propunha que nos encontrássemos na ermida da Senhora da Pena para dali seguirmos para um sítio que me queria mostrar. Não era muito explícito mas a mensagem pareceu-me clara: ele desejava aquele encontro e eu, se queria saber mais, não podia faltar.

O dia já começara a arrefecer e a luz a tornar-se mais fluida e espectral quando estacionei o carro na orla do cerro. Vi-o ao volante de uma carrinha de caixa aberta e, tratando-se de uma viatura de trabalho, achei natural que me pedisse que fosse atrás dele no meu carro durante os oito quilómetros que íamos percorrer. Lá fomos, através de estradas secundárias e caminhos coleantes que nos levaram até à beira do rio, num troço particularmente pitoresco em que uma pequena ponte faz a ligação entre as margens alcantiladas. Descemos dos carros e ele apontou para a margem oposta, onde se via uma pequena casa solitária empoleirada sobre a escarpa, ainda em bom estado e com alguns arrebiques arquitectónicos mas insólita sobretudo pela sua localização imprevisível, espécie de sentinela vigilante entre a terra e o céu. Fora duran-

em que eu já não conseguia alcançá-la, cada vez mais longe e mais fundo, submersa em profundezas onde só chegava uma luz amortecida, como a do sol coada através de camadas de água densa e negra. Comecei a ter dificuldade em respirar, queria mexer-me e não podia, era como se uma força desconhecida me enredasse em sucessivos filamentos, apertando mais e mais até produzir a asfixia. Uma formação de patos em vô passou a grasnar em frente da janela, deslocando uma massa de ar, e elevou-se nos ares logo a seguir, desaparecendo atrás das árvores. Cuidado com as algas verdes!, ouvi gritar, mas para mim o aviso já vinha demasiado tarde.

Teresa Veiga nasceu em Lisboa em 1945. Licenciada em Direito e mais tarde em Literaturas Românicas, exerceu por um breve período de tempo a actividade de conservadora do Registo Civil.

É autora de seis livros, entre volumes de contos, novelas e romances: *Jacobo e Outras Histórias* (1980), *O Último Amante* (1990), *História da Bela Fria* (1992), *A Paz Doméstica* (1999), *As Enganadas* (2003) e *Uma Aventura Secreta do Marquês de Bradomín* (2008).

*Gente Melancolicamente Louca* marca a estreia da autora na Tinta-da-china.